

SOMBRAS NA CORRENTEZA: PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS DA REVOLTA DE 1923, NO ROMANCE DE CYRO MARTINS

SOMBRAS NA CORRENTEZA: GEOGRAPHICAL PERCEPTIONS OF THE REVOLT OF 1923, IN THE NOVEL OF CYRO MARTINS

Jéferson Soares Morais¹

RESUMO

O presente artigo busca tecer reflexões acerca do diálogo entre a Geografia e a Literatura na análise de fenômenos sociais e políticos. Partindo da premissa de que tanto a Geografia quanto a Literatura são áreas do saber que produzem interpretações da realidade, entendemos que esse diálogo pode enriquecer a compreensão de fenômenos geográficos. Essas reflexões direcionam para o seguinte objetivo: compreender o contexto histórico e geográfico do Rio Grande do Sul durante o conflito político ocorrido em 1923, a partir da análise geográfica da obra *Sombras na Correnteza* (1979) de Cyro Martins. Para essa leitura, utilizamos o conceito de território para compreender as relações de poder especializadas em determinado tempo e espaço. A conclusão foi de que o diálogo entre Geografia e Literatura permite uma leitura complexa do fenômeno, pois envolve elementos objetivos e subjetivos do cotidiano narrados por meio do romance que contribuem para constituir a compreensão geográfica.

Palavras-chave: Geografia e Literatura; Revolução de 1923; Cyro Martins.

ABSTRACT

*This article seeks to reflect the dialogue between Geography and Literature in the analysis of social and political phenomena. Considering that both Geography and Literature are ways of expressing and interpreting the reality, we understand that this dialogue is able to enrich the understanding of geographic situations. These reflections lead to the following goal: understand the historical and geographic context of Rio Grande do Sul during the political conflict that occurred in 1923, based on the geographical analysis of *Sombras na Correnteza* (1979) by Cyro Martins. To analyze it we use the concept of territory to understand the power relations specialized in a given time and space. The conclusion was that the dialogue between Geography and Literature allows a complex reading of the phenomenon, since it involves objective and subjective elements of everyday life narrated through the novel that contribute to constitute geographic knowledge.*

Keywords: Geography and Literature; Revolution of 1923; Cyro Martins.

1 Licenciado e Bacharel em Geografia pela UFRGS, mestre e doutorando em Geografia pela UFRGS. Educador popular.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de contribuir para os estudos da relação entre Geografia e Literatura. Partimos do ponto que as obras literárias trazem em suas narrativas elementos riquíssimos para uma análise do espaço. Nesse sentido nos propomos a partir dos conceitos da Geografia interpretar obras literárias para melhor compreender o cotidiano de diferentes tempos e espaços. Para exercitarmos essa relação, aproveitamos as comemorações do centenário da Revolta de 1923 e procuramos uma obra que tangenciasse o tema para assim discutirmos elementos geográficos do período em questão.

A obra escolhida foi *Sombras na Correnteza* (1979), do escrito gaúcho Cyro Martins. A justificativa que sustenta a escolha do tema é de que a Literatura possui um recurso documental que permite compreender processos não vivenciados. Isso ocorre devido às representações imaginárias que a Literatura nos entrega, principalmente pela narração do contexto que envolve o romance e que através das descrições, dos causos e das reflexões geradas, nos permite maior compreensão dos fenômenos. Fenômenos passados ou contemporâneos. Nesse sentido, a Literatura pode ser uma aliada importante para a aprendizagem e para o ensino da Geografia. Sandra Pesavento (1998) comenta sobre essa relação entre imaginário e vivido: “Enquanto ficção, tanto a narrativa literária quanto a histórica pressupõem uma ordenação do real e a busca da coerência através de uma relação de elementos e do estabelecimento de relações entre os dados” (PESAVENTO, 1998, p. 12). Pensemos por exemplo no contexto de sala de aula: uma discussão sobre o conceito de território para a Geografia pode ser muito efetiva se bem elucidados os critérios para a definição desse conceito. Mas e se essa definição for aplicada e exercitada em uma situação imaginária narrada por um texto literário que a contextualiza em um tempo e um espaço? Entendemos que há uma complexificação do conhecimento quando percebido dessa maneira, já que as informações relacionadas a situação simulada pela literatura terão maior significado para os estudantes, além de contribuir para a ampliação de seu repertório literário e histórico-geográfico.

Como metodologia seguiremos o seguinte caminho: a) analisaremos o romance a partir do conceito de território para a Geografia; b) pensaremos possibilidades de diálogo entre o conceito de território e as relações de poder no estado do Rio Grande do Sul, no contexto da Revolta de 1923.

2.1 Geografia e Literatura

Tanto a Geografia quanto a arte, e nesse caso específico a Literatura, são campos do conhecimento que se propõem a interpretar o mundo. A Geografia – devido a sua epistemologia – possui uma leitura mais objetiva em que tenta desvendar a realidade através do seu objeto: o espaço geográfico. Já a literatura não tem em seu objeto a intenção de desvendar as verdades objetivas do mundo: “a representação literária remete ao mundo, expondo-o, mostrando-o, fingindo o mundo, duplicando-o (sem que duplicação signifique cópia)” (CASTRO, 2016, p. 339). Ou seja, não possui a intenção ou o compromisso de encontrar ou expressar uma verdade. A arte tem em sua constituição a subjetividade e nessa perspectiva o mundo “é propenso à multiplicidade de interpretações, pois, ao não bloquear nenhuma das possíveis leituras de mundo, ele se abre para a diversidade de experiências, de linguagens, inclusive a outros discursos” (CASTRO, 2016, p. 339). Apesar de entendermos que o objetivo das leituras de mundo da Geografia e da Literatura são diferentes, o mundo – o espaço – em que essas leituras são realizadas, é materialmente o mesmo. Em sua tese, Dorfman (2009) resume a presença da Geografia na Literatura:

A literatura de ficção tem na linguagem sua matéria e no texto seu objeto. Como quase tudo, em se tratando da experiência humana, seus enredos se encenam no espaço. A geografia da narrativa literária é necessariamente ficcional, mas dificilmente será completamente descolada das experiências espaciais do autor. Língua, identidade e tradições geralmente ligam-se a determinados recortes espaciais. É esse o sentido da expressão “cultura espacialmente situada”: o lugar – onde nascemos e somos ensinados, onde habita a comunidade para a qual produzimos nossas obras – influi em nossa visão de mundo, constituindo, a um só tempo, *locus* e *tropo* (DORFMAN, 2009, p. 103).

Essa relação entre Geografia e Literatura, faz com que compreendamos que a subjetividade e a objetividade são, de certa maneira, indissociáveis, já que ambas fazem parte da natureza humana. Da mesma forma que a Literatura atua e modifica o espaço a partir dos ensinamentos passados por gerações, são construídas a partir de elementos do espaço. A divisão de perspectiva serve para uma delimitação metodológica. É importante pontuarmos que a Literatura não é um campo do saber com o objetivo de sustentar a ciência. Como bem coloca Cavalcante (2020) a Literatura não deve ser vista pelos geógrafos como uma muleta, mas como “a expressão profunda de um pensamento individual em contato com o mundo de uma época, a qual

reflete algumas características estruturantes” (CAVALCANTE, 2020, p.194). Ou seja, há uma epistemologia própria desse campo ao qual nós geógrafos iremos dialogar, com conceitos e princípios que não pretendem responder ao objeto de estudo da Geografia. E a partir das representações criadas por esse campo dialogaremos por meio de uma abordagem geográfica.

A Literatura então pode ser uma fonte para a pesquisa científica? É possível distinguir o que é ficção e o que é realidade? Como fazer essa leitura a fim de identificar os elementos presentes na realidade de determinado grupo social, tempo e espaço? Dorfman (2009) afirma que não há uma resposta genérica e determinante para essas questões, entretanto sugere duas maneiras de ler as obras literárias buscando responder essas questões: trabalhar em cima do texto em si, considerando narrativa, linguagem, personagens e metáforas, utilizando-se da Geografia e Literatura para desvelar diferentes ângulos do mesmo fenômeno geográfico a ser explorado durante a leitura da obra. A segunda maneira é através da investigação da vida do autor a fim de desvendar as geografias pessoais do escritor através de seus textos e relatos de terceiros. Em relação as possíveis abordagens e leituras geográficas de obras literárias, Cavalcante (2020) identifica algumas possibilidades de leitura. Faz referência aos conceitos de **espacialidade** e **geograficidade** destacados por (Marandola Jr.; Oliveira, 2009): a espacialidade como uma busca para compreender “como é organizado o espaço, no caso o espaço literário, em sua lógica e processo de formação, considerando fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias” (CAVALCANTE, 2020, p.194); já geograficidade “revela os laços de cumplicidade que as personagens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente, colocando em relevo simbolismos, imaginações, imaginários, sentidos identidades e afetividades” (CAVALCANTE, 2020, p.194). No texto cita ainda a abordagem **geobiográfica**, em que é proposta “uma cartografia da vida dos escritores, dos locais por onde passaram e dos lugares que lhes foram importantes. Detalhes da existência do escritor são revelados contribuindo com a apropriação de suas obras” (CAVALCANTE, 2020, p.199). A abordagem geobiográfica possibilita a elaboração de roteiros com base em espaços vivenciados por escritores renomados, constituindo um interessante potencial turístico, cultural e econômico.

Nesse texto propomos uma leitura da espacialidade possível de ser interpretada pela obra na busca de compreender a organização do espaço, as estruturas sociais e o cotidiano no contexto do Rio Grande do Sul durante o conflito de 1923, tomando como referência o romance de Cyro Martins. A trajetória do escritor e o peso de suas vivências na construção do romance são consideradas, contudo não são objeto deste artigo, como poderia ser em uma abordagem geobiográfica.

2.2 O conceito de Território como lente para compreensão do espaço

No livro *Pensar e Ser em Geografia*, de Ruy Moreira (2008), buscando problematizar o conhecimento sobre epistemologia e ontologia da Geografia, assim como entender melhor os princípios e conceitos, encontramos o que para o Ruy Moreira é o objetivo da Geografia: “A Geografia, através da análise do arranjo do espaço, serve para desvendar as máscaras sociais” (MOREIRA, 2008, p. 62). A partir desse objetivo, Moreira indica que essa análise acontece por meio dos conceitos geográficos: “Analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na **paisagem** e a seguir analisá-lo em termos de **território**, a fim de compreender-se o mundo como **espaço**” (MOREIRA, 2008, p. 116). Segundo a linha dialética de Moreira, o primeiro momento da análise geográfica se dá pela percepção de um recorte do espaço por meio do conceito de paisagem, o segundo pela análise dos “recortes de domínio do espaço” (MOREIRA, 2008, p. 117) utilizando-se do conceito de território e por fim compreender a complexidade do espaço, objeto de estudo da Geografia. Como Moreira se utiliza do método dialético, há também o processo inverso na análise, onde a partir dessa compreensão do espaço, retorna-se ao conceito de território para chegar nos arranjos espaciais que se manifestam na paisagem. Neste artigo nos propomos a analisar a paisagem descrita pelo romance por meio do conceito de território, ou seja, buscando compreender os recortes de domínio do espaço representado pela obra.

Para Marcelo Lopes de Souza (2000), o território “é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p.78). Ainda para o autor, independente das características desse espaço ou dos grupos que estão inseridos nele, a grande importância na perspectiva territorial é entender “quem domina ou influencia e como domina ou influencia esse espaço” (SOUZA, 2000, p. 78). Essa concepção é primordial para entendermos o conceito de território e desvincularmos esse conceito da noção de Estado-nação ao qual historicamente ele foi sedimentado, priorizando a relação (desigual) de poder, independente da extensão, localização ou escala da porção do espaço em questão. Ao longo do texto escrito em 2000, Marcelo Lopes de Souza discute o conceito de territorialidade. Souza (2000) propõe pensar a palavra assim como outras que terminam com o sufixo “dade”, que designa *estado*, *propriedade* ou *qualidade* de algo, no caso do que é territorial, como fica bem entendido neste trecho:

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que se disse há pouco, **relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial**. As territorialidades no plural,

significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc. (...). Seja como for, é óbvio que, ao falar de territorialidade, o que o autor deste artigo tem em mente é um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço (SOUZA, 2000, p. 99, grifo do próprio texto citado).

Além da condição de propriedade do que é territorial, ou do que torna uma porção do espaço território, chamamos atenção para a ideia da pluralidade da territorialidade que o autor comenta, de acordo com as diferenças entre as mais diversas territorialidades em disputa em determinado recorte do espaço.

Em contribuição a essa noção de territorialidade plural, Rogério Haesbaert e Ester Limonad (2007) em um artigo em que discutem o conceito de território em tempos de Globalização, destacam a multidimensionalidade do território e como o reconhecer em suas três dimensões: jurídico-política, econômica e cultural. Podemos entender a dimensão jurídico-política do território associada à estrutura oficial do Estado; já a dimensão econômica do território estaria vinculada à análise do domínio do espaço pelas relações sociais de produção; e a dimensão cultural indicaria as relações de poder relacionadas à cultura, identidade e pertencimento.

Entendemos, portanto, o conceito de território constituído por relações de poder, e essas podem ser analisadas por diferentes perspectivas, considerando a multidimensionalidade do conceito de território e sua manifestação no espaço, sejam elas de caráter jurídico-político, cultural ou econômica. Para nos aproximarmos de uma visão mais complexa do espaço e das relações de poder nele existentes, precisamos ter sedimentada a ideia de que essas territorialidades se sobrepõem em um espaço cada vez mais dinâmico e complexo. Ou seja, se optarmos por enxergar o território por apenas uma dessas perspectivas, teremos a consciência de que serão realidades parciais do território. Por isso que entendemos ser importante o diálogo – respeitando as particularidades de cada perspectiva – entre essas diferentes dimensões, com o objetivo de entender como essas sobreposições de territorialidades dialogam, se influenciam, se manifestam e modificam o espaço.

Relacionando a concepção de território tomada aqui, quando analisamos o espaço sob a perspectiva do poder, e sobretudo identificando quem domina e influencia o espaço e de que maneira, conseguiremos identificar no romance indícios das relações de poder existentes no Rio Grande do Sul no início do século XX. A chegada de novas tecnologias, os processos de

urbanização e industrialização do país, influenciam econômica e politicamente o espaço do Rio Grande do Sul e o conflito é um evento histórico importante para conseguirmos sintetizar essas transformações. As questões de classe, raça e gênero estão presentes na narrativa e todas elas estão envoltas em relações que se materializavam na época e que hoje podemos visualizar através do diálogo com a arte - não só como registro histórico - mas como um registro do modo de vida do Rio Grande do Sul do início século XX.

3 Sombras na correnteza e a revolta de 1923

Cyro Martins nasceu em 1908, no município de Quaraí, localizado na porção sudoeste do Rio Grande do Sul e que faz fronteira com a cidade de Artigas no Uruguai. A região, que está dentro dos domínios do bioma pampa, faz parte do cenário em que se passa o romance analisado neste artigo. Conterrâneo e pouco mais velho que outro expoente da Literatura Rio Grandense do século XX – Dyonélio Machado², Cyro Martins sai de Quaraí em 1920 para o internato do Ginásio Anchieta, fato que ele narra no romance *Sombras na Correnteza* (1979), quando o personagem Seu Bilo (mesmo apelido de seu pai) manda os filhos para estudar na escola localizada em Porto Alegre (NASCIMENTO, 2018).

Médico e especialista em Psicanálise – assim como Dyonélio Machado – é possível perceber a importância da *psiqué* humana na Literatura de Cyro. O autor reconhecido por sua “Trilogia do Gaúcho a Pé”, se debruçou bastante sobre as questões humanas, como comenta Hohlfeldt (1988):

Mantendo-se equidistante tanto do realismo socialista quanto do hermetismo burguês, que condena, Cyro Martins constrói exemplo único do que Ernildo Stein viria a denominar “literatura menor no seio da ‘grande’ literatura”, numa perfeita adequação da forma ao conteúdo, e que pode ser assim sintetizada: para representar e dar voz a um segmento absolutamente marginal e destituído de fala, havia que criar uma “língua oprimida”. Daí a afirmação, na conferência de 1944, de opor o “regionalismo” que era a marca da prosa e da lírica gaúcha até então, o “localismo” com que se identifica o escritor, constituindo sua obra, então, “documento precioso de uma época”, na arrojada aceção de Ernildo Stein³ (HOHLFELDT, p. 32, 1988).

2 Nascido em Quaraí em 1895.

3 STEIN, Ernildo. *Instauração do sentido*. Movimento, Porto Alegre, 1977, p.76.

Não à toa a obra de Cyro vai tratar muito mais do cotidiano do que impulsionar uma mentalidade épica, forjada em heróis. Cyro, neste caso, preferia a figura do anti-herói, ou seja, figuras comuns do cotidiano que trazem a complexidade humana em si e que tem sua importância na escala local, associadas ao contexto coletivo em que estão inseridas (HOLFELDT, 1988).

Na orelha e no prefácio do livro analisado, Cyro já mostra qual foi a sua intenção na construção deste romance. Aos 71 anos de idade, propôs um retorno ao passado para a construção de um romance em que buscou criar uma conexão com o movimento revolucionário de 1923 e com as suas próprias vivências pessoais:

O fundo psicossocial corresponde a uma comoção histórica real, porém, em nenhum momento, pretendi assumir qualquer compromisso com o registro histórico. Os fatos característicos e as figuras atuantes da época comparecem nestas páginas lado a lado com as personagens e as situações de pura invenção da tessitura literária. Estão de tal maneira entrosados que, em muitas passagens, fiquei um tanto perplexo, meio sem saber quem é quem, isto é, quem é fantasma e quem é gente de corpo inteiro (MARTINS, 1979, p. 7).

O relato do escritor corrobora com o comentário sobre a relação entre a subjetividade do imaginário literário com a realidade dos fatos vividos. O próprio autor afirma que em algumas passagens confundia personagens fictícios com pessoas reais. Da mesma maneira que o imaginário e o real se misturam na escrita de Cyro, o leitor também poderá construir o seu imaginário geográfico, sobre a revolta de 1923, a partir dessa relação entre ficção e real. Muitas das ações tomadas pelos seres humanos, são motivadas por um imaginário geográfico que nem sempre é forjado na concretude dos fatos, mas é também constituído por mitos, narrativas e elementos culturais herdados por meio da comunicação. Reforçamos a partir desse comentário, a importância do diálogo entre Geografia e Literatura para pensarmos a realidade atual e os processos históricos.

O romance *Sombras na Correnteza* (1979) se passa na região de São João Batista, nome original da cidade hoje chamada de Quaraí. O contexto é típico da região sudoeste do estado na transição do século XIX para o século XX. Uma economia baseada no gado e que presenciava intensas mudanças relacionadas a esse processo produtivo. O universo do boi é abordado justamente em uma época em que começa a aparecer no Rio Grande do Sul a técnica dos frigoríficos e com isso modificando um mercado que tinha

no charque um produto importante na região e que é mencionado algumas vezes no romance, como na observação da paisagem por parte do sargento Fernandez, que vem do Ceará ao Rio Grande do Sul com a missão de organizar as forças policiais governistas:

Os homens válidos estavam trabalhando no saladeiro desde madrugada. Cedo começava a matança, e logo aquela azáfama na praia arrastando as reses desnucadas para se tirar o couro, esquartejar, cortar a carne em grandes mantas e encaminhá-la para refrescar, em seguida vinha a salga, a pilha e depois os varais, ao sol (MARTINS, 1979, p. 56).

As mudanças nessa cadeia produtiva, que tinha na estância a sua base, são citadas diversas vezes, como por exemplo na apresentação de um dos líderes maragatos do município de São João Batista, Zeferino Vargas:

Dono duma meia dúzia de quadras de sesmaria, um rebanho dumas quinhentas ovelhas, um gadinho de cria recém-entrando na mestiçagem, uns boizinhos de corte e uns trinta animais cavalares. (...) Este, o balanço de seus bens, pensava, enquanto troteava de volta para casa, cismando sobre a marcha do mundo, do seu mundo e do outro, mais distante, dos políticos da capital, dos negócios grandes, dos frigoríficos estrangeiros, dos bancos, das viagens de trem. Tinha suas aspirações, ah, isso tinha. E carregava uma mágoa surda do pai, que não o mandara para os estudos. Sentia-se homem para outros horizontes, mas não lhe deram rédea... (MARTINS, 1979, p. 23).

Este sentimento representa a juventude que começava a ambicionar outros modos de vida relacionado ao meio urbano. Essa representação exemplifica bem o movimento gerado pelo êxodo rural - que tem nos processos de modernização do campo, de industrialização e urbanização das cidades, o centro de sua explicação - processo que é intensificado na localidade da obra por causa do conflito. Essa discussão é trazida pela reflexão do personagem uruguaio Don Alfeo, que inegavelmente tangencia os temas centrais abordados por Cyro na "trilogia do gaúcho a pé":

- Mas no dia que dissolverem essa tropa e se os saladeiros fecharem - acentuou dramaticamente o uruguaio - não sei, será bruxo quem souber de que irá viver essa gente que nos arroteia. E tem mais, a aldeia não para de crescer. O pessoal da campanha, com a revolução, debandou, de lá, ricos

e pobres. A campanha está transformada num deserto. Pra se justar um mensual, é um Deus nos acuda. Aparecem alguns querendo trabalhar por dia, o que é uma novidade na fronteira, outros se apresentam apenas como esquiladores e um bom número de aramadores, já que, com o movimento das tropas, governistas e revolucionárias, ficou muita cerca cortada ou simplesmente deitada no chão. Agora, peão por mês, uma calamidade! Não sei o que irá ser dos fazendeiros! (MARTINS, 1979, p. 172).

Essa transição que representa um processo nacional e que resulta no choque entre a vida do campo e da cidade, também influencia as relações de gênero. Na obra, as mulheres dos estancieiros chegam a comemorar a existência do conflito que permitiu a mudança para um meio mais urbanizado e que as tira do marasmo de suas funções de zeladoria das casas e das crianças nas fazendas e as coloca em um meio mais movimentado: bailes, encontros e trocas com outras mulheres. A cena a seguir ocorrida no chá-tango organizado pelas senhoras assisistas (oposição ao governo de Borges) que organizavam a Cruz Vermelha Libertadora:

Serafinzinho atravessou o salão no momento exato em que a orquestra de Artigas, contratada por um preço para chá beneficente, irrompia na execução de mais um tango, dos mais milongueiros da época, os sons do acordeão cochichando melosamente no ouvido de cada namorado.

Iracema se fez de surpresa e falou em voz alta, como para que os circunstantes a ouvisse:

- Ah, mas que honra, dr. Serafim!

- A senhora merece dez vezes mais.

- Isto significa que eu mereço o Serafinzinho! (Mas esta frase já foi segredada)

Houve em redor um frêmito de cochichos. O romance já andava furtivamente circulando entre as famílias. E até, entre certas vizinhas, ameaçava ser acompanhado com maior interesse do que a própria revolução. Dona Medora, a mulher do escrivão, tapou a boca com o leque e murmurou para a comadre Flávia:

-Vê só como ele agarra a mão dela, como aperta a cintura, como quase roça o nariz no narizinho dela, meu Deus!

- Mas é por isso que ele anda solto na cidade, com todas as garantias, a senhora não sabe? – retrucou Flávia, mulher dum fazendeiro, que fora recentemente para a cidade, graças à revolução, bendita revolução,

senão ela morreria enterrada na campanha, sem nunca ver as maravilhas do chá-tango que estava apreciando, porque o marido é homem que não arreda o pé da estância pra nada!

- Veja só Flávia, o que você estaria perdendo se não fosse a revolução!

- Eu já lhe disse, dona Medora: eu não me canso de bendizer esta revolução. Se não fosse um pecado, eu rezaria para que durasse.

- Credo, comadre, não diga uma barbaridade destas!
(MARTINS, 1979, p.121).

Essas situações, quando analisadas, podem oferecer indícios dos papéis sociais de gênero na época e na região, portanto, interessantes para refletirmos sobre as diferentes territorialidades (e consequentemente liberdades) entre homens e mulheres e como essas relações de poder influenciavam e eram influenciadas pelos processos sociais e políticos da época. Pela descrição visualizamos o papel dessas mulheres diretamente vinculado aos afazeres domésticos e de criação dos filhos. Em um ambiente rural, como na estância, onde há um deslocamento geográfico de vizinhos e de um ambiente mais movimentado, as mulheres ficavam entregues a uma certa monotonia e a pouca socialização. É papel do homem fazer política e garantir o sustento da família. Contudo, o ambiente urbano, mais povoado, permite às mulheres maior socialização e uma vida mais dinâmica do que a vivida na estância. Aqui é importante fazermos um recorte racial. Quando dizemos que as mulheres estavam destinadas ao trabalho doméstico, nos referimos às mulheres brancas, já que as mulheres negras estão inseridas no mercado de trabalho desde o início do tráfico de escravizados africanos. Seja em trabalhos domésticos para a família que lhe tinha a propriedade ou à serviços externos.

Outro ponto a destacar na passagem citada também relacionado à dimensão cultural do território e a influência de países como Uruguai e Argentina. Há no texto a referência ao tango, que na festa citada pelo romance, será tocado por uma orquestra da cidade de Artigas, localizada no Uruguai. Ou seja, devido à proximidade geográfica, há uma influência cultural desses países no Rio Grande do Sul. Esse fato está diretamente relacionado à localização e às tecnologias de transporte e comunicação da época, em que a fronteira oeste do Rio Grande do Sul estava mais conectada aos países da bacia do Prata do que com Rio de Janeiro.

O início do romance marca o ano de 1922 e o assunto mais falado é o resultado da eleição para governador do estado. Borges vinha de seu 3º e 4º mandatos (1913 a 1922) e disputava a possibilidade de exercer o seu 5º mandato, mantendo a perpetuação do poder nas mãos do Partido Republicano

Rio-grandense (PRR). Disputava a eleição com Assis Brasil. Na época, região rural localizada na fronteira, devido às condições técnicas do contexto, a comunicação era restrita. O armazém de Seu Bilo – localizado no Cerro do Marco, é o ponto onde as notícias que vêm da cidade se dissipam pelo campo. Por ter um telefone e estar localizado em uma estrada, é por lá que grande parte fica sabendo das novidades⁴. É por lá, portanto, que chega a informação de que Borges de Medeiros ganhou novamente. Os opositores de tradição federalista reclamam que a vitória veio a partir da fraude e já ensaiam a iminência de um novo conflito armado, aos moldes do que ocorreu em 1983 e que ficou marcado como o conflito mais sangrento ocorrido no Rio Grande do Sul, reconhecido como a guerra da degola - prática que comum que Maragatos (opositores) e Chimangos ou Pica-paus (governistas) utilizavam para matar os adversários políticos.

A fraude parece ser algo comum nas políticas da época, tanto que é relatada no romance pela perspectiva dos dois lados. Em uma conversa entre Zeferino Vargas e o comerciante Catinho Pinto, quando o segundo visita a Estância dos Vargas - família que no conflito de 1893 esteve do lado dos maragatos – para reconhecer os apoiadores do movimento oposicionistas, ambos comentam sobre as eleições:

- [Zeferino] E você sabem bem quem é o Assis Brasil?
- Ora, bem mesmo, não posso dizer. Sei que é um cidadão ilustre ocupou muitos cargos, propagandista da república, representou o Brasil em vários países e que agora, faz uns quarenta anos, está retirado no seu castelo, o único castelo que existe no Rio Grande do Sul, Castelo de Pedras Altas, perto de Bagé.
- Pra começo de conversa, Zeferino, você já sabe bastante do nosso candidato. Então, conto com o amigo? Como correligionário, bem entendido.
- Eu estou de corpo inteiro com o sr., seu Catinho. Esta nossa conversa, pra mim, é como um partidador. Já me sinto largando a carreira.
- A gente vai nesta com muita coragem, embora saiba que a lei eleitoral é do Borges.
- A que permite voto dos defuntos.
- Dos defuntos a favor do governo (MARTINS, 1979. p. 12).

4 “- Jornal por aqui é mui raro, respondeu Zeferino. A gente vai sabendo as notícias, até essas grandes da política do centro, mais por conversas, aos fiapos. Depois vai costurando e afinal tira uma ideia, quando pode. Um zunzum das novidades eu ouvi um dia desses lá na venda do Seu Bilo. Ele estava entusiasmado. Acha que desta vez se derruba o Borges” (MARTINS, 1979, p. 13).

Os chimangos reconhecem a prática da fraude eleitoral, entretanto enxergam como um mal maior, para manter um poder coeso e centralizado em uma figura política forte. Depois de uma conversa entre os chimangos Coronel Niquinho e Olavo Freitas, da família que compôs as forças governistas em 1893, o estancieiro Olavo Freitas reflete:

De repente se lembrou, apreensivo, que o coronel não falara na legalidade nem uma única vez. Estaria ele achando que o chefeão, o cutuba velho, o dr. Borges, roubara a eleição, como diziam os assististas? E daí, que bobagem! Se o fizesse, teria errado muito? No seu entender, o Dr Borges não mais estaria fazendo do que defender a legalidade! Cumpria assim o seu dever de chefe supremo do Partido Republicano. Para isso ele pensava por todos, e se pensava por todos era porque pensava bem, tinha mais cabeça que todos eles juntos (MARTINS, 1979, p. 36).

A tradição positivista do PRR desde a figura de Júlio de Castilhos enxergava na liderança forte e centralizadora do caudilho o meio de garantir a ordem e o progresso. O histórico de ocupação do Rio Grande do Sul privilegiava essa centralidade do caudilho, tendo no estancieiro militarizado, a figura que defendera o território do Brasil meridional e que centralizava o poder econômico e político na região. Não por acaso, muitos dos títulos militares haviam sido conquistados devido à sua importância local ou recorrente de conflitos, não decorrência de uma carreira militar oficial, tanto que não recebiam soldo e tinha que custear o próprio fardamento, o cavalo e os utensílios (RUAS e BONES, 1997).

No romance, a dicotomia entre Maragatos e Chimangos pode ser representada por meio de duas famílias, respectivamente: a família de Zeferino Vargas, herdeiro de Bonifácio Vargas, maragato combatente na revolução de 1893; e a família de Olavo Freitas, herdeiro do Cel. Jacinto Freitas, também combatente em 1893, porém pelo lado dos Chimangos. É notável que a herança familiar não se dá apenas no campo econômico, mas no campo político e social. Cyro Martins narra o conflito utilizando a figura das duas famílias para marcar a oposição dos dois grupos políticos, apesar de identificar a complexidade das relações políticas e econômicas envolvendo outros indivíduos. Contudo, apesar das diferenças políticas ligadas à disputa de poder local e estadual, há inúmeros elementos semelhantes - que vão desde o labor do estancieiro, quanto às relações familiares e o modo de vida campeiro. Acreditamos ser um ponto importante na história o fato dos filhos desses grandes rivais, terem se apaixonado. É uma ironia comum em grandes histórias a contradição do amor em famílias que se odeiam. Essa

similitude entre rivais políticos, evidencia o fato de que as lideranças do conflito pertenciam a classes econômicas semelhantes, como descrito no trecho a seguir em que trata da aflição de Marfisa, esposa de Zeferino Vargas, acerca da indecisão da família em relação ao futuro na cidade:

Mas bem que às vezes se ansiava vendo aquela indecisão do Zeferino. Estaria esperando outra revolução? Não se dava conta que o dinheiro da lã se fora? Que o Seu Gaudêncio até já fizera um adiantamento por conta da safra seguinte, a de novembro de 1924? Mas ela e as gurias e o filho não queriam nem piar. Começavam todos a sentir arrepios diante da perspectiva de uma volta forçada para a campanha. Porém só tocavam nesse assunto entre eles, mãe e filhos, plenamente solidários, ora se não! A mais velhinha, a Zélia – o Zeferino nem bispava do namoro... Sabem com quem? Com o filho do Olavo Freitas! Quem diria?! Coisas que acontecem... (...) A revolução passou. Sim, passou. E talvez não fosse muito sincera se dissesse: passou, graças a Deus! O capitão Olavo Freitas, que vivia duma propriedade de pequeno criador, estava levando uma vida igualzinha à do capitão Zeferino Vargas, apenas com outra gente, outras rodas, outra divisa (MARTINS, 1979, p. 154-155).

Essa noção de permanência nas posições sociais - apesar das perdas econômicas e do endividamento de vários dos envolvidos no conflito - é discutida no romance quando na conversa com Zeferino, dom Alfeo comenta sua percepção acerca da revolta. Ele dá a entender que o movimento não pode ser considerado uma revolução pelo fato de que não há uma alteração na configuração das classes sociais. A disputa política é pautada pela diferença entre dois grupos da elite gaúcha, ou seja, a classe dominante quer seja antes ou depois da revolta, é a classe proprietária das terras. Ou seja, não houve uma mudança drástica na estrutura política e econômica. As mudanças envolveram mais o universo eleitoral e resultaram na diminuição do poder político do partido republicano. Segue adiante a reflexão do uruguaio dom Alfeo, um cidadão comum, porém com uma compreensão lúcida e complexa do conflito:

- E eles ainda têm a desfaçatez de chamar isso que andaram fazendo aqui, essas correrias, de revolução. Diga-me uma cousa, senhor: no frigar dos ovos o que é que queriam os assististas? Me dirão que queriam acabar com a reeleição eterna do Borges, o que conseguiram; com todos os intendentes provisórios, o que também conseguiram; com o voto

dos defuntos, e aí obtiveram outra vitória.

- E lhe parece, dom Alfeo, que esses resultados foram maus?
- Dentro dum espírito de imediatismo político, até que foram bons. Mas foram conquistas eleitoreiras. Me parece que tudo isso não passa de pretexto para tomar o poder e não modificar nada daquilo que realmente faz falta ao povo e à nação. Enquanto esperam os efeitos das reformas eleitorais, as populações vão amolecendo a sua revolta no bafo (MARTINS, 1979, p. 172).

Entendemos que quando o autor comenta que as populações mais pobres esperam passivas as mudanças e vão “amolecendo a sua revolta no bafo”, além de marcar o menor poder político da classe trabalhadora desse universo rural frente aos estancieiros e grande proprietários, faz uma referência à cachaça, que é uma bebida vinculada à população mais pobre e que serve para manter controlada a rebeldia da massa ao amenizar, através da bebida, as dificuldades da vida. A consequência é que a população acaba por não conseguir organizar-se para realizar uma revolução de fato. A cachaça inclusive serve como um marcador social. Em uma parte do romance em que cita a organização de uma festa por parte do Coronel maragato Quincas. O coronel Quincas dá ordens para que seja servido “Champanha francesa e vinho estrangeiro para a elite, cerveja, para o povilêu. Cachaça não” (MARTINS, 1979), pois não queria que a festa “se transformasse, lá no arvoredado, entre a gentalha, numa borracheira coletiva e talvez alguns rolos” (MARTINS, 1979). Essa demarcação é importante para compreendermos a relação de poder entre proprietários de terra e os trabalhadores comuns.

A desigualdade social é marcada inúmeras vezes na narrativa. Uma passagem marcante é quando o sargento Fernández, recém-chegado na cidade, passa de automóvel por uma comunidade vulnerável e tem a seguinte impressão:

O automóvel dobrou duas quadras e já as casas de material principiaram a rarear, aparecendo sem demora, entre tufo de unhas-de-gato, o anônimo sujo rasteiro do casario da pobreza mesmo, da criança pálida e de barriga inchada, dos que não podem fazer um pequeno esforço sequer porque estão cuspindo os pulmões, dos que rogam milagres aos santos e aos bruxos prestativos numa ânsia de desespero, já esticando a canela. Dos que, a cada passo, jovens ainda, sentem que a sua vida é um tiquinho e que o seu destino desenganado é aquele, pra baixo, pra baixo da terra (MARTINS, 1979, p. 55).

Essa compreensão da desigualdade de poder econômico e consequentemente a desigualdade de acesso a uma melhor qualidade de vida, é importante para a leitura do processo histórico e condiz com a argumentação do personagem Don Alfeo. Em relação às relações-étnico raciais, a obra não relata descrições sobre territorialidade negras da região na época - e aqui destacamos que não há um julgamento moral nem a cobrança pela discussão de determinados temas por uma obra literária. Apenas uma constatação que está vinculada à subjetividade e ao olhar do próprio autor e que é orientada pelas suas referências culturais e socioespaciais. As menções às relações de poder étnico-raciais da época aparecem na forma de estereótipos reproduzidos por alguns comentários de personagens e a associação da população negra à servidão, resultante do processo histórico colonial e escravista da formação do território brasileiro.

O final do romance é marcado pelo armistício, o pacto de pedras altas e pelas consequências do conflito para as principais famílias da cidade. É importante pontuar as citações a eventos e figuras históricas que são mescladas no romance pelo autor. Honório Lemes, Flores da Cunha, Borges de Medeiros, Assis Brasil, entre outros nomes conhecidos, participam da ficção e a conectam mais ainda aos fatos históricos. Eventos reais, como a batalha do Ibirapuitã onde os dois personagens que representam a disputa - Zeferino e Olavo - se cruzam na batalha mais sangrenta descrita, fortalecem a tese de que o diálogo entre a Geografia e a Literatura é um meio bastante potente para refletirmos e melhor compreendermos contextos históricos e geográficos diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este artigo, retomamos os questionamentos que o motivaram: foi possível refletir e compreender sobre o espaço geográfico da região de Quaraí durante a revolta de 1923? Entendemos que sim. As descrições presentes na obra informam os elementos objetivos que constituíam o espaço e o tempo do romance - num sentido objetivo. Porém, por meio da trama e da relação dos personagens entre si e com o meio, podemos apreender elementos vinculados simbólicas, culturais e subjetivas que faziam parte da sociedade e das individualidades da época. O conteúdo que mais complexo e que não se manifesta de maneira superficial é possível de ser compreendido quando utilizamos as ferramentas da Geografia.

Além da mera informação, a voz literária possibilita o exercício de um imaginário geográfico de um período e lugar que não estivemos, ou seja, através da interpretação das palavras escritas por Cyro Martins, podemos sentir um pouco do que era a campanha gaúcha no início do século

XX, como o conflito político movimentava a vida das pessoas, como era o cotidiano, os anseios e desejos. Um ponto que consideramos importante nesse diálogo da Geografia com a Literatura é potencialidade para se trabalhar com as escalas. O romance aborda tanto referências globais, nacionais e regionais, quanto evidencia questões individuais e coletivas da própria natureza humana. Relacionar a escala local dos acontecimentos que envolvem os personagens com os acontecimentos históricos de uma escala mais ampla é um movimento crucial para a Geografia e a Literatura acaba por facilitar esse movimento ao descrever situações no âmbito da escala local de maneira mais concreta, ao mesmo tempo que essas situações podem ser contextualizadas em um âmbito histórico-geográfico numa escala mais ampla. Se faz importante reforçamos que a voz literária não é só mera fonte de constatação de fatos históricos, ela aprofunda elementos cotidianos e revela subjetividades que muitas vezes não são destacadas pelo olhar mais objetivo da ciência. O contato com essas subjetividades descritas pelo romance tem resultado não só no nível espacial e histórico, mas também no nível intrapessoal - já que a arte tem o potencial de mobilizar sentimentos humanos - além de beneficiar o exercício da leitura. Destacamos também o contato com palavras e termos que não fazem parte do nosso contexto urbano do século XXI, contribuindo para um acúmulo de capital cultural de quem lê.

Portanto, ainda que seja um recorte, as informações presentes no romance nos permitem conhecer mais sobre o cotidiano da campanha durante a revolta de 1923, fornecendo reflexões acerca das relações econômicas, políticas, históricas e geográficas, ou seja, nos ajudam a compreender a espacialidade de determinado tempo e espaço a partir do romance. O conceito de território, ao focar a análise nas múltiplas relações de poder envolvidas no romance, favoreceu a percepção das relações sociais da época, aprofundando a leitura contextualizada do romance. Por fim, reconhecemos que trabalhos que envolvam a relação entre Geografia e arte tem o potencial de ampliar a aprendizagem de situações geográficas e eventos históricos de diferentes contextos, contribuindo para a produção científica e diminuindo a distância entre ciência e arte. Entendemos que esse artigo acaba por somar esforços ao de outros pesquisadores que buscam interpretar o espaço a partir da mesma temática de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Júlia Fonseca de. Geografia e Literatura: da aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício [Organizadores]. **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Por uma geografia literária: De leituras do espaço e espaços de leitura**. Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 191-201, ANO 2020.
- DORFMAN, Adriana. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. Tese (doutorado) PPGG-CCMN UFSC. Orientadora: Profª Drª Leila Christina Dias, co-orientadora: Profª Drª Lia Osório Machado. 2009. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/tedesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=921>.
- HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Geo UERJ**, [S. l.], n. 5, p. 7, 2020. DOI: 10.12957/geouerj.1999.49049. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/49049>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- HOHLFELDT, Antonio. O lado das sombras: literatura e sociedade em Cyro Martins. **Letras de hoje**, Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa - Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, v. 23, n. 3, p.27-35, setembro de 1988.
- MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**. Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.
- MARTINS, Cyro. **Sombras na correnteza**. Porto Alegre: Movimento, 1979.
- MOREIRA, Ruy. História. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NASCIMENTO, Fábio Varela. A tentativa biográfica: o desafio de escrever parte da vida de Cyro Martins. **Letras de hoje**, Estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa - Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, v. 53, n. 2, p. 232-239, abr.-jun. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/29473/17023/130889>>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- PESAVENTO, Sandra. J. Contribuição da história e da literatura para a constatação do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: PESAVENTO, Sandra. J.; LEENHARDT, Jacques. **Discurso histórico e nar-**

rativa literária. São Paulo: UNICAMP, 1998.

RUAS, Tabajara; BONES, Elmar. **A cabeça de Gumerindo Saraiva.** 2ª ed.
Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O Território: sobre o Espaço e poder, autonomia
e desenvolvimento (pág. 77 – 116) In CASTRO, Iná et al (ORGS). **Geogra-
fia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Recebido em: 15/07/2023

Aceito em: 26/11/2023